

**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**Cap Cav Guilherme Rodolfo Haluch Casagrande**

**UM ESTUDO SOBRE O EMPREGO DO ASSALTO AEROTERRESTRE NA  
HISTÓRIA E SUA EFETIVIDADE NO COMBATE MODERNO**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Cap Cav Guilherme Rodolfo Haluch Casagrande**

**UM ESTUDO SOBRE O EMPREGO DO ASSALTO AEROTERRESTRE NA  
HISTÓRIA E SUA EFETIVIDADE NO COMBATE MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de  
Aperfeiçoamento de Oficiais como  
requisito parcial para a obtenção do grau  
especialização em Ciências Militares.

**Orientador: Cap Cav Lamonie Lemos Saurim**

**Rio de Janeiro**

**2022**

**Cap Cav Guilherme Rodolfo Haluch Casagrande**

**UM ESTUDO SOBRE O EMPREGO DO ASSALTO AEROTERRESTRE NA  
HISTÓRIA E SUA EFETIVIDADE NO COMBATE MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de  
Aperfeiçoamento de Oficiais como  
requisito parcial para a obtenção do grau  
especialização em Ciências Militares.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**

---

João Paulo da Silva Nunes – Maj  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
Presidente

---

Alexandre Tito Moreira do Canto – Maj  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
Membro

---

Lamonie Lemos Saurim - Cap  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
Membro

À minha esposa, minha mãe e meu irmão, fontes  
de inspiração e exemplo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, pela presença nos momentos difíceis e pela saúde, que tem me permitido seguir estudando dia a dia.

À minha esposa Daniela, pela alegria da convivência diária, pelo amor, carinho, compreensão e incentivo de sempre.

À minha mãe Jeanine, pelos conselhos oportunos, ensinamentos e amor incondicional.

Ao meu orientador, Cap Saurim, pela orientação e atenção que dispensou a mim em todos os momentos em que nos reunimos para melhorar este trabalho.

## RESUMO

Desde sua concepção, o assalto aeroterrestre, através do envolvimento vertical, foi fundamental para o sucesso das grandes ofensivas militares executadas durante a 2ª Guerra Mundial. No entanto, após este conflito, devido a mudança conceitual da guerra de 3ª geração para a de 4ª geração e a evolução tecnológica dos sistemas antiaéreos, o seu emprego passou a ser esporádico e pontual, diminuindo o protagonismo da tropa paraquedista no campo de batalha. Contudo, apesar da baixa taxa de emprego, ela se adaptou ao combate moderno e representa parte significativa da expressão de poder militar de seus países. Através de um estudo alicerçado principalmente na historiografia militar, englobando fatos da 2ª Guerra Mundial até a atualidade, este trabalho procurou desvendar a viabilidade do assalto aeroterrestre no combate moderno. Apesar das críticas sobre a existência da tropa paraquedista e da restrição de seu emprego em sua atividade precípua face à ameaça representada pelas armas antiaéreas, a sua capacidade de modularidade, flexibilidade e atuação a grandes distâncias em um curto prazo de tempo lhe certificam como uma importante ferramenta bélica com capacidade de decisão do nível tático ao político. Esses atributos garantem a efetividade do assalto aeroterrestre nos conflitos atuais.

Palavras-chave: Assalto Aeroterrestre; Envolvimento Vertical; Paraquedistas; Armas Antiaéreas; Operações Militares Contemporâneas; Combate Moderno.

## ABSTRACT

Since its conception, airborne assault, through vertical envelopment, was fundamental to the success of the great military offensives carried out during the 2nd World War. However, after this conflict, due to the conceptual change from 3rd generation to 4th generation warfare and the technological evolution of anti-aircraft systems, their use became sporadic and punctual, reducing the protagonism of the paratrooper on the battlefield. However, despite the low employment rate, it has adapted to the modern combat and represents a significant part of their countries military expression's power. Through a study based mainly on military historiography, encompassing facts from the 2nd World War to the present days, this work sought to unravel the feasibility of airborne assault in modern combat. Despite the criticisms about the paratrooper's existence and the restriction of its use in its main activity in the face of the threat posed by anti-aircraft weapons, its modularity, flexibility and performance at great distances in a short period of time certify it as a important war tool with decision-making capacity from the tactical to the political level. These attributes ensure the effectiveness of airborne assault in current conflicts.

Keywords: Airborne Assault; Vertical Envelopment; Paratroopers; Anti-aircraft Weapons; Contemporary Military Operations; Modern Warfare.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
1.1 PROBLEMA.....	08
1.2 OBJETIVOS.....	09
<b>1.2.1 Geral</b> .....	09
<b>1.2.2 Específicos</b> .....	09
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO .....	10
1.4 JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	11
2.1 ORIGENS DA TROPA PARAQUEDISTA.....	11
2.2 O ASSALTO AEROTERRESTRE NA 2ª GUERRA MUNDIAL.....	13
<b>2.2.1 O emprego nas ofensivas alemãs de 1940 e 1941</b> .....	13
<b>2.2.2 O emprego nas ofensivas aliadas de 1944</b> .....	16
2.3 O ASSALTO AEROTERRESTRE APÓS A 2ª GUERRA MUNDIAL.....	19
2.4 A TROPA PARAQUEDISTA NO COMBATE MODERNO.....	22
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	23
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO.....	23
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	23
3.3 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA.....	24
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
<b>4. RESULTADOS</b> .....	25
<b>5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	28
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33



## 1. INTRODUÇÃO

A deflagração da 2ª Guerra Mundial criou o ambiente propício para a experimentação doutrinária aerotransportada. Os alemães foram os primeiros a utilizar as tropas paraquedista para o assalto aeroterrestre nas invasões da Dinamarca, Noruega, Bélgica e Holanda, em 1940, e nas invasões da Grécia e da ilha de Creta, em 1941. (FARRAR-HOCKLEY, 1975). O sucesso do emprego dos *Fallschirmjäger*s em assaltos aeroterrestres nas invasões alemãs chamou a atenção dos países aliados, que imediatamente sistematizaram a implantação da doutrina de tropas aerotransportadas. (THEOTOKIS, 2020). Os Estados Unidos, já inseridos no conflito desde 1941, contavam com duas divisões aerotransportadas em 1942 e cinco ao todo em meados de 1944. O entusiasmo dos países aliados pelo assalto aeroterrestre foi tanto, que este tipo de operação foi executado na quase totalidade das grandes ofensivas aliadas no teatro de operações europeu. (THEOTOKIS, 2020).

No entanto, após a 2ª Guerra Mundial, apesar de estarem presentes nos campos de batalha com frequência, as tropas paraquedistas foram pouco empregadas em combate com a missão de assalto aeroterrestre. É fato que a intensidade dos conflitos posteriores não se comparou à escala que se dera durante a 2ª Guerra Mundial, mesmo assim, as possibilidades teóricas desta operação não foram exploradas em sua plenitude.

Diante do exposto, este estudo pretende fazer uma análise do assalto aeroterrestre na história, elucidando o contexto e condições em que foi utilizado e concluindo com sua perspectiva de emprego no combate moderno.

### 1.1 PROBLEMA

As armas antiaéreas, atualmente, são extremamente precisas e capazes de produzir seus efeitos a centenas de quilômetros. A tecnologia notada nesses sistemas de defesa é um fator determinante no que tange ao impasse com relação superioridade aérea entre os contendores no combate moderno. Essa característica constitui-se em problema para o emprego do assalto aeroterrestre, pois os meios antiaéreos têm extrema facilidade de engajar os alvos lentos e de baixa altitude que são as aeronaves vocacionadas ao salto de paraquedistas. Nesse sentido, James King relata que “as vantagens táticas limitadas das grandes operações aeroterrestres

modernas são ofuscadas pela sua potencial perda estratégica.” (KING, 2016, tradução nossa). Partindo dessa ideia, é possível deduzir a baixa taxa de assaltos aeroterrestres.

Não obstante, a rápida resposta tática que a tropa paraquedista consegue prover, constitui-se em grande valor estratégico para os tomadores de decisão. O exercício de assalto aeroterrestre de 500 militares da *82nd Airborne Division* americana, que embarcou nos Estados Unidos para saltar na Espanha, durante a operação *Trident Juncture*, em 2015, firmou-se em uma forte demonstração de projeção rápida de poder da OTAN face aos seus possíveis inimigos. (JAHNER, 2016). O mesmo ocorre com a Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército Brasileiro, que possui 80% de efetivo profissional e está apta a atuar em qualquer lugar, dentro ou fora território nacional, em até 24 horas depois de acionada. (CORTINHAS, 2020). Esse grau de prontidão, característico das tropas paraquedistas, confere o estabelecimento de uma força significativa e adestrada em uma área de interesse sem um despendimento logístico muito complexo e vultuoso.

Em virtude do que foi apresentado, a saber, a incontestável condicionante de superioridade aérea incerta face aos complexos meios de defesa antiaérea que limitam o emprego do assalto aeroterrestre, em contraponto com a capacidade ímpar de prontidão da tropa paraquedista: qual é a efetividade do assalto aeroterrestre no combate moderno?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

O escopo deste trabalho é analisar o emprego da tropa paraquedista no assalto aeroterrestre através das experiências em conflitos passados, para verificar a sua efetividade no combate moderno diante de suas próprias possibilidades táticas e das capacidades da defesa antiaérea que o contrapunham.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

a. Analisar os fatores que favoreceram a consecução do assalto aeroterrestre e as vantagens táticas advindas do seu emprego nas operações da 2ª Guerra Mundial e dos conflitos subsequentes.

b. Analisar os fatores que reduziram o emprego do assalto aeroterrestre nos conflitos.

c. Compreender as vantagens táticas a serem obtidas pela tropa paraquedista no combate moderno.

d. Explicar as peculiaridades que envolvem o emprego do assalto aeroterrestre nos conflitos atuais.

### 1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Com o intuito de atingir os objetivos determinados, foram estabelecidas as seguintes questões de estudo:

a. Como a tropa paraquedista se consolidou na doutrina de emprego militar através do assalto aeroterrestre?

b. Por que o assalto aéreo deixou de ser empregado de maneira efetiva nos conflitos?

c. O que a tropa paraquedista pode proporcionar para o combate moderno?

d. Quais as condicionantes e vantagens de emprego do assalto aeroterrestre nos conflitos atuais?

Por fim, com o esclarecimento das questões de estudo propostas, será possível avaliar a efetividade da tropa paraquedista e do assalto aeroterrestre no combate moderno.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

Ao buscar exemplos que justifiquem o emprego de assaltos aeroterrestres, costuma-se recorrer às operações clássicas executadas na 2ª Guerra Mundial. Isso se deve pelo protagonismo que tiveram no contexto das operações em que estavam inseridos aliado à intensidade dessa guerra, mas também porque foi rara a sua utilização no decorrer dos conflitos seguintes, mesmo a tropa paraquedista sendo considerada de elite e atuado de maneira constante. O pouco uso dessa possibilidade de combate levanta debates a respeito da própria essência aeroterrestre e sua real

necessidade, afinal, essa força de elite não tem seu emprego primordial aplicado, como a história recente tem mostrado.

Ainda que o atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia seja nebuloso e repleto de especulações a respeito da situação e compreensão dos eventos militares, é perceptível que a tropa paraquedista (neste caso, a russa) está inserida na disputa de narrativas de ambos os contendores, o que demonstra a atualidade do assunto. Se por um lado as manobras russas anteriores ao conflito indicavam o emprego de seus paraquedistas (seja através do assalto aeroterrestre ou não), dando a entender sua importância no combate (CRAVEIRO, 2022), a narrativa pró ucraniana, alegando supostos abatimentos de aviões contendo paraquedista (BBC, 2022), ou até mesmo enfatizando a taxa de baixas do 331º Regimento de Paraquedistas da Rússia (uma tropa de elite), deduz vitórias significativas face ao enorme poderio militar russo. (URBAN, 2022). Esse ponto em comum das narrativas coloca a tropa paraquedista, sob uma perspectiva atual, como uma das principais protagonistas em combate. No entanto, sem definir qual seria esse protagonismo de fato, se é por ser uma tropa adestrada – mesmo que não possua os armamentos mais letais e pesados e, portanto, mais decisivos, como no caso da tropa blindada –, ou pela possibilidade de decidir uma operação pelo assalto aeroterrestre.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ORIGENS DA TROPA PARAQUEDISTA**

A guerra teve sua “revolução industrial” entre 1914 e 1918, durante o maior confronto armado que se vira até então, a 1ª Guerra Mundial. Nesse mesmo conflito, a filosofia clausewitziana de guerra total também veio à tona. Esses dois fatores conjugados concluíram no aumento dos efetivos militares, no aprimoramento do poder de fogo e na ampliação do campo de batalha em largas frentes. (KEEGAN, 2006). Virtualmente, os contendores foram obrigados a se aferrar em trincheiras para se protegerem do pesado fogo inimigo, inibindo os comandantes e estados-maiores nos níveis operacionais e táticos da criatividade na concepção de suas manobras. Sobre isso, Visacro (2009, p. 38) relata que:

Em meados do século XIX, as inovações tecnológicas promovidas pela Revolução Industrial deram origem a uma nova geração – a segunda [...]. Contudo, foi durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que a guerra de

segunda geração atingiu seu ápice, sendo caracterizada pela ascendência do sistema de apoio de fogo sobre a manobra.

Estudiosos militares dos diversos países envolvidos passaram a desenvolver concepções doutrinárias capazes de superar as limitações impostas pela guerra de trincheiras, com destaque especial a utilização dos blindados. Porém, havia outra vertente de estudo, que levava em consideração o desenvolvimento tecnológico do avião e a utilização de paraquedas que, até então, era usado principalmente para diminuir as baixas dos pilotos que tinham suas aeronaves abatidas. Sobre essa vertente, Nicolaos Theotokis afirma que “Ao final da Primeira Guerra Mundial, o paraquedas havia sido introduzido nas forças militares de certos países, havendo planos em andamento para elaborar o que mais tarde ficaria conhecido como ‘envolvimento vertical’.” (THEOTOKIS, 2020, p. 39, tradução nossa). Essa nova concepção doutrinária, futuramente, ajudaria a romper com o tipo de combate caracterizado pelas linhas estáticas da guerra de 2ª geração, aumentando o dinamismo no campo de batalha, tornando-a um elemento base para a guerra de 3ª geração.

O envolvimento vertical não foi uma doutrina facilmente aquiescida. A ideia de tropas descendo de aviões pelo ar para conquistar objetivos era considerada, no mínimo, temerária. O Estado-Maior francês, por exemplo, o considerou como um ato circense e logo o descartou. Coube aos italianos e soviéticos o pioneirismo na formação de tropas paraquedistas no início da década de 1930, sendo estes últimos, os primeiros a empregá-las em combate – em escala bem reduzida e de maneira desastrosa – na invasão soviética da Finlândia, em 1939. (THEOTOKIS, 2020).

Os alemães também acataram com entusiasmo a criação de tropas paraquedistas, principalmente porque Hermann Göring – o principal responsável pela criação e desenvolvimento da *Luftwaffe*, o componente aéreo da *Wehrmacht* – queria fortalecer sua nova força aérea e reafirmar o seu status como uma das mais altas autoridades nacionais e do partido nazista. Para isso, em 1935, o Estado-Maior da *Luftwaffe* nomeou o então coronel e futuro general Kurt Student para desenvolver, consolidar e, posteriormente, comandar a *Fallschirmjäger*, a tropa paraquedista alemã. Essa foi a primeira tropa a demonstrar para o mundo as impressionantes capacidades do assalto aeroterrestre durante as grandes ofensivas alemãs de 1940 e 1941. (FARRAR-HOCKLEY, 1975).



FIGURA 1 – Os *Fallschirmjäger*, a primeira tropa paraquedista a realizar o assalto aeroterrestre  
FONTE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fallschirmjäger>

## 2.2 O ASSALTO AEROTERRESTRE NA 2ª GUERRA MUNDIAL

### 2.2.1 O emprego nas ofensivas alemãs de 1940 e 1941

A despeito de certa relutância do alto comando alemão, foi autorizado ao general Kurt Student planejar o emprego de seus *Fallschirmjäger*s junto à zona de ação do Grupo de Exércitos B para a invasão dos Países Baixos e da França, porém, sem antes fazer um teste, em menor escala, nas invasões da Dinamarca e Noruega. (FARRAR-HOCKLEY, 1975).

Às 05:00 horas de 9 de abril de 1940, o efetivo de um batalhão paraquedista realizou dois assaltos aeroterrestres na Dinamarca para a conquista de dois objetivos distintos. O primeiro para o controle da ponte de Strorstrom, que permitiria o avanço da 198ª Divisão de Infantaria alemã em direção a Copenhague, capital deste país, por terra. O segundo, para a conquista do aeroporto da cidade de Aalborg, que permitiria garantir um fluxo logístico aéreo adequado para a invasão da Noruega. A invasão da Dinamarca durou apenas seis horas e os objetivos dos paraquedistas foram conquistados sem nenhuma oposição. (THEOTOKIS, 2020).

Durante a invasão alemã da Noruega, foi utilizado, também, o efetivo de um batalhão para a conquista de três objetivos. Dois deles estavam relacionados com a conquista dos aeroportos da capital Oslo e o de Stavanger, ambos coordenados com

invasão anfíbia. O terceiro, mais à retaguarda, na região central do país, previa a conquista da região de Dombas, um importante entroncamento rodoferroviário, de passagem obrigatória de recursos logísticos e reforços noruegueses. Os dois primeiros foram conquistados, apesar de encontrarem certa resistência. No entanto, o terceiro representou a perda da companhia inteira envolvida na operação, parte devido às más condições climáticas no momento, fazendo os paraquedistas se espalharem pelo campo de batalha, parte em confrontos com os ingleses. Após 5 dias de luta, e sem perspectivas de uma junção com o grosso da tropa alemã, devido à lentidão de progressão face ao terreno acidentado norueguês, o que sobrou da companhia foi capturada. Essa operação sobre Dombas, apesar de extremamente discreto e de pequena envergadura, representou para a história como o primeiro assalto aeroterrestre fracassado. (THEOTOKIS, 2020).

O grande potencial do assalto aeroterrestre só viria ser reconhecido mundialmente, de fato, a partir de 10 de maio de 1940, na grande operação que envolveu a captura da Holanda, Bélgica e França. Nessa ofensiva, os *Fallschirmjäger*s tiveram um papel secundário, porém, de vital importância para a capitulação da Holanda e da Bélgica.

Na Holanda, precedidos por um violento ataque aéreo, os paraquedistas foram lançados entre as cidades de Haia e de Roterdã, com o objetivo de capturar os aeródromos, as pontes e os entroncamentos rodoviários, o que permitiu à 9ª Divisão Panzer avançar pelo país sem encontrar obstáculos capazes de diminuir sua impulsão. Esses paraquedistas também tinham a missão de capturar a rainha da Holanda, no entanto, toda a Família Real e o governo foram evacuados antes que isso ocorresse. O rápido avanço alemão e o forte bombardeio da *Luftwaffe* fizeram com que a resistência holandesa remanescente se rendesse em 17 de maio, sete dias após a invasão do país. (FARRAR-HOCKLEY, 1975).

Na Bélgica, o seu emprego foi pontual, porém, mais impressionante sob a perspectiva militar. A fortaleza de Eben-Emael era guarnecida por, aproximadamente, 1200 militares e fora construída às margens do Canal Alberto para barrar uma possível invasão alemã, garantindo alguns dias para a consolidação de uma posição defensiva franco belga mais ao centro do país. Valendo-se da surpresa, 438 *Fallschirmjäger*s pousaram sobre a fortaleza e próximo a três pontes sobre o canal, no intuito de tomá-las e garanti-las intactas para a passagem do grosso da força de invasão alemã. Apesar de uma ponte ter sido destruída, em poucas horas as outras duas e a fortaleza

estavam sob posse dos paraquedistas alemães, possibilitando a rápida junção com a 4ª Divisão Panzer e seu avanço pelo país com o inimigo desorganizado. A atuação desta pequena tropa paraquedista alemã foi decisiva para o sucesso do Grupo de Exércitos B em sua missão. (THEOTOKIS, 2020).



FIGURA 2 – Esboço das operações aeroterrestres desencadeadas na invasão dos Países Baixos  
FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=36UrLDiTLvU&t=276s>

O último grande assalto aeroterrestre alemão na 2ª Guerra Mundial ocorreu sobre a ilha de Creta, já em meados de 1941, sob o nome de “Operação Mercúrio”. A operação foi dada como muito arriscada ainda no seu planejamento, pois os paraquedistas, levemente armados, deveriam tomar objetivos nos quais esperava-se certa resistência inimiga sem, no entanto, contar com uma força capaz de realizar a junção em um curto prazo de tempo. O elemento surpresa ainda era outro problema, visto que os *Fallschirmjäger*s já haviam atuado na região, especificamente na Grécia, e sob a ótica aliada, qualquer operação militar alemã no mediterrâneo contaria com operações aeroterrestres. Em suma, os objetivos eram a captura dos três principais aeródromos da ilha e o principal porto para garantir o fluxo logístico e o envio de tropas para a junção. O grande percalço alemão na execução do ataque foi enfrentar uma força numericamente muito superior ao esperado e não obter a superioridade aérea por tempo prolongado. Apesar da conquista da ilha, as baixas entre os *Fallschirmjäger*s somaram 44% entre mortos e feridos, além de mais da metade dos



aviões de transporte da *Luftwaffe* terem sido destruídos ou danificados. Esse expressivo número de perdas foi o suficiente para o alto comando alemão desistir de utilizar sua tropa paraquedista para o assalto aeroterrestre até o final da guerra. (FARRAR-HOCKLEY, 1975).

### **2.2.2 O emprego nas ofensivas aliadas de 1944**

A capacidade ofensiva do assalto aeroterrestre foi estudada pelos líderes militares aliados, tanto que eles logo começaram a formar seus próprios paraquedistas. Já a partir de 1942, a experimentação em combate destas tropas foi sendo colocada à prova, em escala reduzida e de maneira gradual, primeiramente durante a Operação Tocha e, futuramente, em 1943, nas invasões aliadas da Sicília e da Itália, todas coordenadas com desembarques anfíbios. (THEOTOKIS, 2020).

A grande operação que consagrou definitivamente o assalto aeroterrestre ocorreu na grande invasão aliada à Normandia, iniciada em 6 de junho de 1944. Primeiramente, cabe ressaltar que o Comando Supremo se certificou de planejar minuciosamente a Operação *Overlord* – como ficou conhecida a invasão da França. Elaborou um grande plano de desinformação contra a inteligência alemã, fez um planejamento logístico adequado à envergadura da operação e tomou as medidas necessárias para garantir uma quase supremacia aérea no momento dos desembarques. Para o assalto aeroterrestre, foram preparadas, aproximadamente, 1200 aeronaves de transporte capazes de carregar três divisões paraquedistas completas, sendo duas americanas e uma britânica. (AMBROSE, 2009).

A missão dessas divisões paraquedistas consistiam, basicamente, em proteger os flancos expostos a oeste, pelas divisões americanas, e a leste, pela divisão britânica, das cabeças-de-praia, através do assalto aeroterrestre noturno. Seus objetivos incluíam as conquistas de porções elevadas do terreno, regiões de passagem que possibilitassem a progressão das unidades aliadas, negando sua utilização pelo inimigo, entroncamentos rodoviários que pudessem ser utilizadas pela reserva e unidades logísticas inimigas, além da neutralização de baterias de artilharia que faziam fogos sobre as praias dos desembarques anfíbios. Apesar de certa confusão nas primeiras horas da operação, provocadas pelo espalhamento das unidades paraquedistas pela área de operações, acentuadas pela dificuldade de comunicação, em alguns dias essas divisões cumpriram seus objetivos apoiadas por

pesado suporte aéreo e naval, garantindo o sucesso da invasão à Normandia, com a taxa de baixas menor do que a esperada. (BEEVOR, 2019).

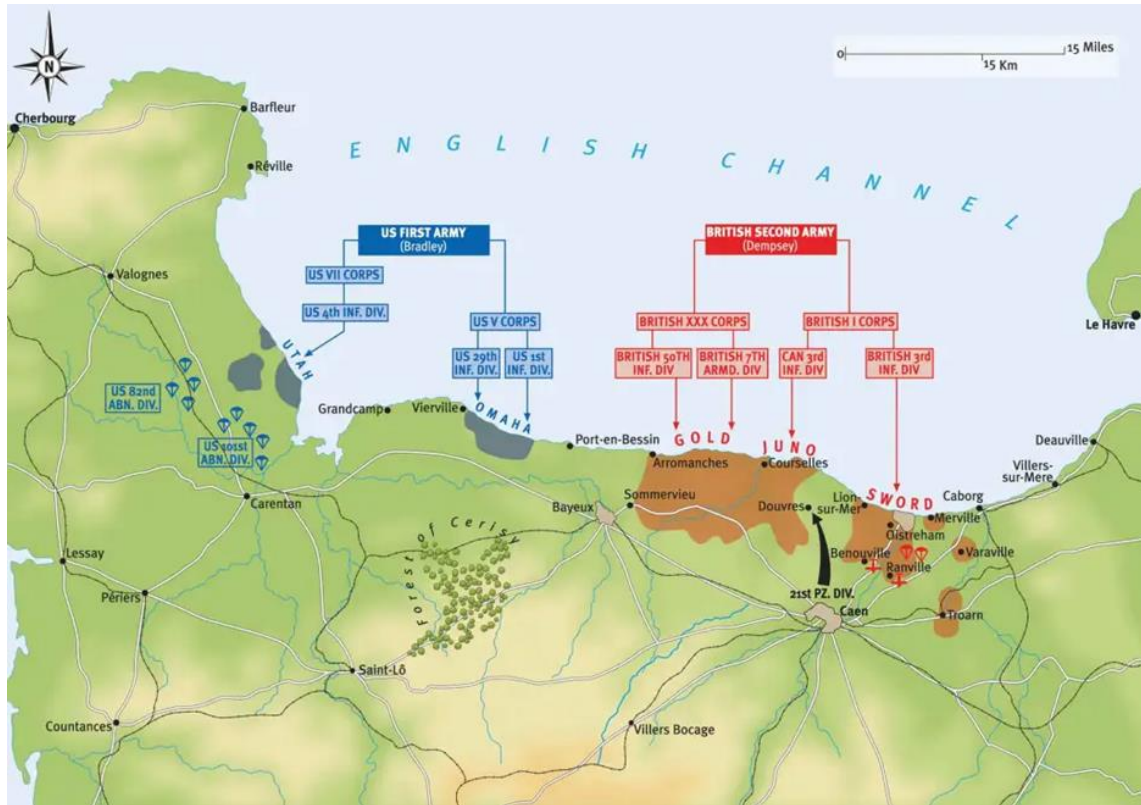


FIGURA 3 – Mapa representativo do planejamento aliado para o Dia D.

FONTE: <https://www.military-history.org/feature/d-day-plan-of-operations-on-6-june-1944.htm>

Apesar do sucesso na Normandia, o assalto aeroterrestre desencadeado na Operação *Market Garden* não teve a mesma expressividade, mesmo tendo sido de maior envergadura. Do ponto de vista tático, inclusive, representou uma operação marcada por diversas falhas de planejamento, com objetivos intangíveis. (KIRRANE, 2014).

Contando com duas divisões americanas, uma britânica, além de uma brigada polonesa, o assalto aeroterrestre destinava-se a controlar regiões de passagens sobre três cursos d'água dentro da Holanda, em um corredor estreito em largura e de 130 km de comprimento entre as cidades de Eindhoven e Arnheim, permitindo ao XXX Corpo do 2º Exército Britânico avançar com impulsão e conquistar seus objetivos na margem oposta ao rio Reno. Dentre os principais erros da operação, destacam-se a perda do efeito surpresa, uma vez que o assalto aeroterrestre não se deu em uma leva em um único dia, mas sim em dois dias – devido à falta de aeronaves destinadas à operação –, dando tempo ao inimigo de perceber o ataque e se preparar defensivamente,

enquanto as tropas aliadas desembarcadas não tinham um efetivo suficiente para atacar e proteger as suas zonas de lançamento. Subestimação do inimigo, tendo a inteligência aliada não detectado a aptidão para o combate de um corpo blindado alemão estacionado para reparos e a presença de comandantes inimigos notáveis, como os marechais de campo Rundstedt e Model. E a lentidão de progresso por terra face à longa distância dos objetivos, também, devido à forte presença inimiga. Apesar de a junção com todas as forças envolvidas tenha sido realizada, a operação não conseguiu conquistar seus objetivos estratégicos, além de ter custado pesadas baixas às tropas paraquedistas, sendo a mais afetada a 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, que teve uma taxa de 85% de perdas e permaneceu fora de combate até o final da guerra. (KIRRANE, 2014; EUA, 1977).



FIGURA 4 – Mapa representativo do planejamento para a Operação *Market Garden*.  
 FONTE: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan\\_Operatie\\_Market\\_Garden.gif](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_Operatie_Market_Garden.gif)

Outros assaltos aeroterrestres foram realizados tanto no Teatro de Operações Europeu como no Asiático durante a 2ª Guerra Mundial, no entanto, suas contribuições não agregaram taticamente como as expostas nesse estudo.

### 2.3 O ASSALTO AEROTERRESTRE APÓS A 2ª GUERRA MUNDIAL

Durante a Guerra da Coreia, sob a égide da ONU, os Estados Unidos empregaram o assalto aeroterrestre por duas ocasiões. Na primeira, em outubro de 1950, sob forma de aproveitamento do êxito obtido após a Batalha de Pyongyang, um regimento paraquedista foi lançado a 40 km atrás das linhas inimigas com o objetivo de cortar a retirada das tropas norte coreana, bloqueando as principais vias de acesso. Essa operação bem-sucedida resultou na captura de 500 inimigos e outros 200 mortos, além do resgate de algumas dezenas de prisioneiros de guerra a um custo de perdas muito baixo, despertando outras capacidades da utilização do assalto aeroterrestre. Seis meses após essa operação, uma força paraquedista combinada de americanos e indianos recebeu a missão de envolver, através do assalto aeroterrestre, forças chinesas e norte coreanas, conseguindo assegurar seus objetivos, contribuindo para a captura de centenas de inimigos. Ressalta-se que nessa guerra, as Nações Unidas tiveram supremacia aérea durante boa parte do tempo, principalmente, devido à maior experiência e melhor treinamento dos pilotos americanos sobre os norte coreanos, contribuindo efetivamente para a consecução dos assaltos aeroterrestres. (THEOTOKIS, 2020).

O maior assalto aeroterrestre americano após a 2ª Guerra Mundial ocorreu durante a Guerra do Vietnã, em fevereiro de 1967, quando uma brigada foi lançada nas selvas no sul do Vietnã, próximo à fronteira do Camboja, apoiada por outras forças terrestres no intuito de localizar e destruir o Estado-Maior norte vietnamita, no que ficou conhecida como a Operação *Junction City*. A grande contribuição significativa desta operação consistiu na rápida mudança de áreas de operações da tropa paraquedista em sigilo, gerando um efeito surpresa sobre a tropa inimiga. Apesar desse feito, mesmo depois de três meses causando pesadas baixas ao oponente, a operação não conseguiu cumprir sua missão de capturar os líderes militares vietnamitas. A atuação do inimigo foi preponderante para esse fracasso estratégico, pois as forças vietnamitas operavam tradicionalmente de maneira irregular, tornando-as virtualmente invisíveis face ao combate convencional empregado. (THEOTOKIS, 2020; UK ARMY, 2020).

Os franceses também realizaram alguns saltos em larga escala contra os vietnamitas na Guerra da Indochina, antes mesmo da Guerra do Vietnã, contra o mesmo inimigo atuando de maneira irregular. Segundo Visacro (2009, p. 107):

Determinados a impedirem a ofensiva Vietminh, o general Navarre, sucessor de Salan, e seu chefe do Estado-Maior, general Cogny, conceberam a controversa “Operação Castor”, que selaria o destino francês na Indochina. No final de novembro de 1953, seis batalhões paraquedistas assaltaram a pequena vila de Dien Bien Phu, localizada às margens do rio Nam Yum, próxima à fronteira do Laos. Sua conquista foi rápida e a ela se seguiam desembarques de novos contingentes, que prontamente dedicaram-se a trabalhos de fortificação que nunca seriam concluídos.

O que os franceses não esperavam, é que o general vietnamita Giap fosse capaz de transformar suas tropas esparsas em uma poderosa e concentrada força de quase 38 mil combatentes, contando com superioridade de artilharia, incluindo a antiaérea, cercando e praticamente destruindo os paraquedistas franceses nas cercanias da vila de Dien Bien Phu, dando fim a presença francesa na Indochina. (VISACRO, 2009).



FIGURA 5 – Paraquedistas franceses saltando sobre a vila de Dien Bien Phu.  
 FONTE: <https://www.history.com/topics/france/battle-of-dien-bien-phu>

Com o surgimento desse novo tipo de conflito, o de 4ª geração, caracterizado pela não linearidade do campo de batalha, os grandes assaltos aeroterrestres, praticamente replicados das épocas da 2ª Guerra Mundial, passaram a não ser mais efetivos. Os paraquedistas, em sua missão precípua, passaram a realizar o assalto aeroterrestre em escalas menores e em tarefas pontuais. Segundo Jahner (2016):

Os saltos, desde então, se tornaram eventos menores e mais isolados, e geralmente contra inimigos inferiores. Rangers saltaram para proteger um aeroporto durante a controversa invasão de Granada em 1983. A invasão do Panamá, em 1989, foi o primeiro salto de combate da 82ª Divisão Aerotransportada desde a Segunda Guerra Mundial; ela garantiu um aeroporto depois que elementos do 75º Regimento de Rangers os precederam, e executou outros saltos de combate durante o conflito. (tradução nossa).

Ainda a respeito das mudanças nos conflitos, agora mais especificamente sobre as evoluções tecnológicas, se antes as capacidades de defesa antiaérea dependiam essencialmente da habilidade mecânica humana, a partir da década de 1970, começaram a surgir novos armamentos antiaéreos guiados, não havendo mais a necessidade de complexo treinamento para serem utilizados e podendo ser portáteis. Dentre estes, destacam-se as variantes *Igla*, de origem russo-soviética, e o *FIM-92 Stinger*, de origem americana. Ambos largamente utilizados pelas forças armadas de diversos países e por forças paramilitares e irregulares. Aliados aos radares de detecção, esses sistemas de defesa antiaérea configuram na maior ameaça aos aviões de transporte atualmente, que operam em média, para a consecução do assalto aéreo, a uma velocidade de 240 km/h – extremamente baixo para o padrão da aviação – e a uma altura de menos 400 m, tornando-os em alvos de baixa altura. (KING, 2016).



FIGURA 6 – O míssil *FIM-92 Stinger* e sua fácil portabilidade.

FONTE: [https://pt.wikipedia.org/wiki/FIM-92\\_Stinger#/media/Ficheiro:Launched\\_FIM-92A\\_Stinger\\_missile.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/FIM-92_Stinger#/media/Ficheiro:Launched_FIM-92A_Stinger_missile.jpg)

Ainda assim, houve assaltos aeroterrestres convencionais no século XXI, como no caso do salto envolvendo uma brigada americana no aeroporto de Bashur, no norte do Iraque em março de 2003, estabelecendo uma cabeça-de-ponte aérea. Essa operação secundária fixou diversas forças iraquianas no norte do país, impossibilitando-as de interferir no esforço principal da coalizão por sul. Contudo,

salienta-se que essa manobra só foi possível com a ajuda de forças especiais curdas, que garantiram o controle da área de operações e com outras pequenas ações desencadeadas pelas tropas de operações especiais da coalizão. (JAHNER, 2016)

Outros assaltos aeroterrestres convencionais ocorridos no século XXI, incluem 600 paraquedistas indonésios sobre Sumatra, em 2003, e unidades paraquedistas francesas sobre Mali nos anos de 2013 e 2018. Todas essas operações, no entanto, destinaram-se a sufocar forças insurgentes parcas em poderio bélico. (THEOTOKIS, 2020).

#### 2.4 A TROPA PARAQUEDISTA NO COMBATE MODERNO

A principal defesa do atual emprego da tropa paraquedista no assalto aeroterrestre advém de suas variadas possibilidades para o combate moderno, como sua flexibilidade, modularidade, capacidade de pronta resposta face a qualquer ameaça e motivação, característica intrínseca a qualquer tropa paraquedista desde sua formação. Para Cortinhas (2020):

Nas operações de Guerra de 4ª Geração, a Brigada de Infantaria Paraquedista articulou seus elementos de manobra e de apoio sob forma modular, obtendo flexibilidade de emprego. Essa característica foi herdada de sua vocação para as operações aeroterrestres, que exigem tal condição, uma vez que essa manobra ocorre por escalões. Todo esse conjunto é complementado por outro diferencial: a motivação da tropa paraquedista. [...] Considerando sua base doutrinária e os princípios da flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade (FAMES), a Brigada de Infantaria Paraquedista tem como aptidões a pronta resposta e a projeção de força em qualquer parte do território nacional e no entorno estratégico do país. Por esse motivo, nações relevantes adotam tropas dessa natureza para constituir forças expedicionárias.

Um paralelo a esse pensamento sobre a tropa paraquedista brasileira pode ser observado em outras tropas paraquedistas. No contexto do adestramento da 82ª Divisão Aerotransportada Americana durante a já citada operação *Trident Juncture*, em 2015, o general americano Ben Hodges, então comandante do exército americano na Europa, afirmou que a velocidade dá opções aos líderes políticos. Esse adestramento demonstrou, por exemplo, que os Estados Unidos podem rapidamente colocar uma força adestrada, contando ainda com veículos blindados leves, em qualquer área de operações da Europa face a uma potencial ameaça, sem, no entanto, lança-la sobre o inimigo diretamente e sem depender de aeródromos próximos. (JAHNER, 2016). Ressalta-se que os Estados Unidos já haviam realizado

uma manobra real dessa mesma natureza anteriormente, e com elementos da mesma divisão, quando se deu o início da Operação *Desert Shield*, em agosto de 1990. (THEOTOKIS, 2020).

O general americano Robert Scales argumenta que as capacidades de dissuasão da tropa paraquedista, pelo perigo que ela possa representar, ajudam a inibir a ação de diversos atores estatais. E, ainda, a despeito das ameaças antiaéreas, que configuram um risco a qualquer força em território hostil, a flexibilidade operativa dessa tropa e a sua modularidade permitem a adaptação aos problemas militares advindos da imprevisibilidade das ameaças. (JAHNER, 2016).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO**

A pesquisa tem como objeto formal de estudo a efetividade do emprego da tropa paraquedista no assalto aeroterrestre no combate moderno.

#### **3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA**

Quanto à natureza, como o propósito do trabalho é aprofundar o conhecimento sobre a viabilidade do assalto aeroterrestre no combate moderno, desvendando os motivos que causaram a diminuição da sua utilização nos conflitos a partir das experiências vivenciadas ao longo do tempo, em detrimento de uma aplicabilidade prática a curto prazo, a presente pesquisa é do tipo básica.

Para buscar esses motivos e causas, foi utilizada uma abordagem metodológica dedutiva, baseada na comprovação dos fatos histórico-militares para uma conclusão lógica quanto à real empregabilidade destinada a tropa paraquedista na atualidade, considerando suas possibilidades e os riscos estratégicos advindos dos sistemas de armas que a defrontam.

Trata-se, também, de um estudo qualitativo eminentemente teórico, amparado na pesquisa bibliográfica dos fatos consagrados pela historiografia militar acerca das operações de guerra envolvendo o assalto aeroterrestre.

Para embasar todos os aspectos teóricos apresentados, foi feita a leitura exploratória de bibliografia conceituada e atual, de maneira seletiva e analítica, sendo



possível obter as informações sobre fenômenos que, além de definirem a finalidade operativa do assalto aeroterrestre, também condicionaram, limitaram e impediram a sua execução ao longo dos conflitos.

### 3.3 PROCEDIMENTOS PARA A REVISÃO DA LITERATURA

A fim de construir um arcabouço teórico sólido, foram selecionados obras e estudos de destacados historiadores militares e especialistas contemporâneos em doutrina aeroterrestre brasileiros e estrangeiros.

A respeito da origem da tropa paraquedista e do assalto aeroterrestre, além dos fatos que determinaram sua consolidação como doutrina de emprego militar, foi revisada a historiografia militar a respeito da 2ª Guerra Mundial, como os livros *Pára-quedistas alemães – A supertropa [sic]*, *O dia D, 6 de junho de 1944 – A batalha culminante da Segunda Grande Guerra* e o artigo *Grandes Batalhas da Segunda Guerra Mundial: Market Garden*.

Em uma segunda etapa, para buscar as informações sobre o emprego do assalto aeroterrestre a partir da 2ª Guerra Mundial, verificando sua diminuição foi utilizado o livro *Airborne landing to air assault – A history of military parachuting*, além da inserção de palavras-chave na ferramenta de pesquisa do Google: *Airborne Operations since World War 2, Korean War, Vietnam War, Gulf War*.

Para buscar informações a respeito da efetividade do assalto aeroterrestre nos combates modernos, foram inseridas as palavras-chave na ferramenta de pesquisa do Google: *Airborne Operations in XXI century, Airborne Operations in modern warfare*. Além das palavras-chave para obtenção de conteúdo na Biblioteca Digital do Exército (<https://bdex.eb.mil.br/jspui/>): Guerra de 4ª geração, pára-quedista, paraquedista, assalto aeroterrestre.

### 3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já determinado, o estudo baseou-se inteiramente na coleta de informações através da pesquisa documental. No entanto, a fim de não divagar desnecessariamente sobre fatos históricos irrelevantes ao intuito da pesquisa e suas conclusões, procurou-se desenvolver o referencial teórico de maneira a abordar os aspectos estritamente necessários, focando nas contribuições doutrinárias advindas

do assalto aeroterrestre e a contextualização com a sua situação de emprego em detrimento da narração de seus eventos.

#### 4. RESULTADOS

A fim de sintetizar os resultados advindos do emprego da tropa paraquedista no assalto aeroterrestre ao longo do tempo, os aspectos doutrinários relevantes foram resumidos e pontuados em tópicos organizados conforme a divisão feita na revisão da literatura. Dessa maneira, sua compreensão torna-se mais clara e objetiva para ser explorada na discussão.

Com base na análise da 2ª Guerra Mundial, é possível afirmar que, movidas pela abordagem teórica de Clausewitz – que endossou o conceito de guerra total –, além do revanchismo incrustrado em suas políticas estatais, as nações potências do mundo conseguiram alinhar o avanço em suas doutrinas militares com o avanço tecnológico de seu material bélico, fenômeno este que não ocorrera na 1ª Guerra Mundial. Com essa afirmativa esclarecida, e através do estudo histórico, também é possível afirmar que a doutrina militar do assalto aeroterrestre se concretizou ao final desse conflito. Até 1945, os principais aspectos doutrinários sobre o seu emprego em combate são os seguintes:

a. Viabilidade do “envolvimento vertical”, sendo o assalto aeroterrestre um dos protagonistas no advento do que ficou conceituado como guerra de 3ª geração. Sobre isso, ressalta-se o que fora explicado acima no que diz respeito ao alinhamento da evolução doutrinária do assalto aeroterrestre com a evolução tecnológica do avião e do paraquedas, além de uma capacitação de excelência, tanto física quanto mental, dos combatentes paraquedistas.

b. Capacidade de surpreender e quebrar a integração logística e de manobra do inimigo, introduzindo tropas em objetivos importantes sob seu controle, seja à retaguarda, como as conquistas de entroncamentos viários, de pontes e de outros acidentes capitais nas invasões alemãs da Noruega e da Holanda e, posteriormente, na invasão aliada à Normandia; ou em sua posição de defesa avançada, mesmo que fortemente defendida, como no caso da conquista da fortaleza de Eben-Emael, na Bélgica.

c. Como consequência do aspecto anterior, capacidade de gerar impulso a uma ofensiva pelo desmantelamento de posições fortificadas e manutenção do

terreno sobre importantes penetrantes. Aqui, é importante citar a combinação de tropas paraquedistas e tropas dotadas de alta mobilidade, potência de fogo e ação de choque, como as blindadas e mecanizadas. Enquanto a primeira neutraliza o inimigo em pontos chave, a segunda avança sobre o terreno.

d. Capacidade de garantir a proteção de flancos expostos de uma ofensiva, principalmente em operações anfíbias. Esse fator, bem observado durante a invasão da Normandia em junho de 1944 pelos aliados, possibilita o impedimento ou, no mínimo, o retardamento de um contra-ataque inimigo em operações de alto risco quando os flancos estão vulneráveis.

e. Necessidade de efeito surpresa. Esse fator foi notadamente negligenciado na Operação “*Market Garden*”, em 1944. Primeiramente pelo fato de o assalto ter sido realizado durante o dia, facilitando a observação do inimigo e, também, por não ter havido o emprego da massa em um único grande assalto – mas sim em algumas levadas –, impedindo que as frações se constituíssem de maneira efetiva para se deslocarem rapidamente para os seus objetivos.

f. Necessidade de rápida junção com tropas anfíbias ou terrestres, aspecto que não ocorreu no primeiro assalto aeroterrestre fracassado da história, em Dombas, na Noruega, na invasão alemã à Ilha de Creta, em 1940 e, novamente, na Operação *Market Garden*.

g. Necessidade de dados de inteligência concretos do inimigo, principalmente sobre o seu valor, dispositivo e composição. A carência desse fator manteve-se persistente ao longo do tempo, sendo a principal responsável por assaltos aeroterrestres fracassados, como no caso da batalha de Dien Bien Phu, apenas oito anos após o término da 2ª Guerra Mundial. Além do valor, dispositivo e composição do inimigo, é necessário compreender também as suas reais intenções.

h. Necessidade de grande superioridade aérea local e temporal. Essa característica do ambiente operacional teve seu conceito ampliado ao longo do tempo até os dias atuais. Se até a década de 1970 o sistema de defesa antiaéreo tinha uma relevância virtualmente secundária nesse quesito, a partir desse período ele prevaleceu no campo de batalha, sendo preponderante para a decisão de o assalto aeroterrestre não ser empregado em diversas situações.

Após a 2ª Guerra Mundial, os conflitos aumentaram em quantidade, porém diminuíram em intensidade, tendo sido caracterizados pela relevância de elementos não estatais e o emprego constante da guerra irregular. Com isso, a tropa

paraquedista necessitou se adaptar a esse novo tipo de guerra, a de 4ª geração. Cabe destacar, também, a constante evolução tecnológica, com ênfase específica nos meios de defesa antiaérea já citados anteriormente. Nesse período, o assalto aeroterrestre pode ser compendiado nos seguintes itens:

a. Diminuição do escalão a ser considerado para o assalto, baixando do nível divisão para os níveis brigada ou unidade, face à baixa intensidade dos conflitos. Ainda sobre isso, essa diminuição da intensidade dos conflitos deveu-se aos efeitos catastróficos que podem advir da guerra total. A partir dessa sensata conclusão, tornou-se desnecessário o gasto com exércitos de centenas de divisões prontas para o combate.

b. Capacidade de atuar como força de aproveitamento do êxito e de cerco, como na Guerra da Coreia. Esse fator mostrou-se inovador se considerarmos que o assalto aeroterrestre não foi executado nesses tipos de operações ofensivas no grande laboratório doutrinário que representou a 2ª Guerra Mundial. Nesse sentido, é plausível inferir que essa “experimentação” na Guerra da Coreia foi pensada e executada graças à quase supremacia aérea norte americana no conflito e a necessidade de reavivar a doutrina aeroterrestre dos Estados Unidos da América, uma vez que o último emprego em combate de sua tropa paraquedista havia sido em 1945.

c. Capacidade de viabilizar a troca rápida e dinâmica do esforço principal a nível estratégico, mudando o foco militar do conflito de uma área de operações para outra, como no caso do assalto aeroterrestre maciço de tropas paraquedistas americanas na Operação *Junction City*, durante a Guerra do Vietnã.

d. Capacidade de sufocar forças insurgentes armadas, notadamente com capacidade antiaérea deficiente ou inexistente em locais distantes, como no caso dos assaltos aeroterrestre em Sumatra e em Mali.

e. Necessidade de compreensão do pensamento estratégico inimigo no combate irregular, como no caso da armadilha vietnamita que a Batalha de Dien Bien Phu representou para os paraquedistas franceses, em 1953. Apesar de representar o que já fora dito anteriormente, cabe ressaltar que o estudo do inimigo é mais amplo e complexo em modalidades de conflitos de 4ª geração se comparados com os conflitos de 3ª geração.

f. Necessidade de notória superioridade aérea, não somente quanto a meios aéreos, mas principalmente quanto a capacidade de defesa antiaérea inimiga e a tecnologia a ela agregada.

Já para os possíveis conflitos que possam surgir, face às críticas quanto a efetividade do assalto aeroterrestre, sua baixa taxa de emprego nos conflitos posteriores à 2ª Guerra Mundial e a perda do seu protagonismo no campo de batalha, além das capacidades já citadas anteriormente, há argumentos que justifiquem a existência da tropa paraquedista e da sua própria executividade. Quanto a esses argumentos, destacam-se:

a. Modularidade e flexibilidade de emprego, ampliando as capacidades da tropa paraquedista face às diversas características e demandas do ambiente operacional.

b. Motivação intrínseca à natureza da formação do paraquedista, garantindo o emprego de uma tropa capaz de “durar na ação” e resistir às diversas adversidades que possam advir de um conflito.

c. Capacidade de prontidão face a incerteza, ambiguidade, volatilidade e complexidade características da sociedade e do relacionamento entre as nações do mundo nos dias de hoje.

d. Como consequência do argumento anterior, capacidade de a tropa paraquedista ser rapidamente introduzida, como uma força adestrada e numericamente considerável, em uma área de operações, mesmo sem o apoio de aeródromos, oferecendo diversas opções vantajosas aos líderes políticos.

e. Capacidade dissuasória da tropa paraquedista, inibindo a ação de diversos atores estatais e não estatais. Esse fator está diretamente relacionado com o as outras características apresentadas, afinal, essa dissuasão é caracterizada principalmente pela prontidão característica da tropa e rápida introdução no campo de batalha.

## **5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Após a análise dos resultados, constatou-se que, devido a mudança na característica dos conflitos a partir da segunda metade do século XXI, marcada pela baixa intensidade e presença constante de elementos irregulares, as manobras ofensivas e massivas clássicas da época da 2ª Guerra Mundial perderam o seu protagonismo e, de certa forma, a sua efetividade. O inimigo não se apresentava mais somente de maneira linear, mas também, de maneira difusa, situação essa que

dificultava a percepção dos limites entre os níveis táticos, operacionais, estratégicos e políticos. Vitórias militares podiam não contribuir em nada para as vitórias estratégicas e políticas, sendo a participação dos Estados Unidos da América na Guerra do Vietnã como um todo o exemplo mais nítido dessa situação.

A mudança que essa nova geração de guerra, a quarta, causou no planejamento das operações militares, inevitavelmente afetou a concepção da utilização do assalto aeroterrestre, o que, de fato, dificultou a sua possibilidade de emprego. No entanto, a própria essência conceitual da tropa paraquedista, que necessariamente deve se adaptar a evolução dos acontecimentos em combate, a fez ser uma ferramenta extremamente útil no combate contra forças irregulares. Agora, empregadas em escalas inferiores ao nível divisionário, as tropas paraquedistas permaneceram executando o assalto aeroterrestre em objetivos estratégicos profundos, não necessariamente garantindo a impulsão de um ataque enquanto aguarda uma força blindada de junção, como na 2ª Guerra Mundial, mas também, devido à improbabilidade de sua utilização, surpreendendo e desbaratando o inimigo irregular onde, antes, esse se sentia seguro. A vitória tática da 173ª Brigada Aerotransportada americana na Operação *Junction City*, em 1967, na Guerra do Vietnã; o salto de indonésios sobre Sumatra, em 2003; e os saltos franceses sobre Mali nos anos de 2013 e 2018 são exemplos dessa adaptabilidade.

Cabe salientar que apesar dos sucessos de emprego citados, houve também casos de assaltos aeroterrestres desastrosos após a 2ª Guerra Mundial, como o da Batalha de Dien Bien Phu. A exemplo do que ocorrera na Operação *Market Garden*, em 1944, o planejamento inadequado, sem um gerenciamento de risco calculado com base nas características do inimigo, resultou em uma catástrofe militar.

Provavelmente, o fator que atualmente mais advoga em favor da tropa paraquedista é a sua capacidade de prontidão. O fato de, em um prazo mínimo de tempo, uma tropa adestrada conseguir se desdobrar em uma área de operações distante, flexibilizada e modulada conforme as capacidades exigidas pela situação, gera o poder de dissuasão necessário a qualquer líder político. Tanto que, aos moldes do que ocorreu com elementos da 82ª Divisão Aerotransportada americana por ocasião da Operação *Desert Shield*, em 1990, as tropas paraquedistas ao redor do mundo permanecem realizando adestramentos dessa natureza com a finalidade de demonstração de força. A título de exemplo, a Brigada de Infantaria Pára-quedista realiza adestramentos com essas características em todo o território brasileiro.

Contudo, a principal crítica que recai sobre a viabilidade do assalto aeroterrestre no combate moderno vem do seu principal antagonista, materializado nos altamente tecnológicos meios e sistemas de defesa antiaérea disponíveis. A partir da década de 1970, esses armamentos passaram a ser portáteis e possuem sistemas de guiamento do tipo “atire e esqueça”, podendo ser operados por qualquer indivíduo e não necessitando de um treinamento complexo para sua utilização. Devido a sua praticidade e eficiência, esses armamentos se popularizaram entre instituições militares estatais e não estatais, dando um novo significado ao conceito de superioridade e supremacia aérea. A partir de então, as aeronaves de transporte de tropas passaram a ser os alvos mais fáceis e altamente compensadores para esses meios.

Ainda com relação a capacidade dos meios antiaéreos, ao supor sobre a dicotomia entre uma vantagem tática advinda do assalto aeroterrestre e uma potencial perda estratégica do seu fracasso, é possível supor que James King explora o custo benefício desse tipo de operação diante da importância que a dimensão informacional ganhou sobre o ambiente operacional. Se fosse oportunamente explorada pelo inimigo, o desastre da perda de militares na tentativa de um assalto aeroterrestre, além de demonstrar uma operação malsucedida, poderia quebrar o espírito combativo não só dos demais combatentes presentes no campo de batalha, como também de toda a sociedade a ela pertencentes.

Mesmo assim, os conceitos doutrinários aeroterrestres que surgiram e maturaram na 2ª Guerra Mundial e os que ainda foram desenvolvidos nos conflitos de 4ª geração garantem às forças armadas dos diversos países um instrumento – que é a tropa paraquedista – com diversas possibilidades na execução de suas operações. Se oportunamente empregado, o assalto aeroterrestre possibilita uma gama de opções que incluem o acesso de regiões capitais negadas pelo oponente às tropas convencionais, facilidade e rapidez de deslocamento de tropas para uma área de operações, modularidade da tropa em tempo hábil, dinamismo no combate, acesso fácil a terrenos movimentados, proteção de flancos expostos, dentre outros.

Além dessas diversas opções doutrinárias, é importante destacar que a natureza modular, flexível e leve, tornam as tropas paraquedistas uma força que garante respostas oportunas às questões militares de seus países e, por isso, geralmente encontram-se em situação de constante adestramento e prontidão. Todas essas qualidades são essenciais para uma força militar estatal no contexto atual do

mundo VUCA (acrônimo inglês de volátil, incerto, complexo e ambíguo) e BANI (acrônimo inglês para frágil, ansioso, não linear e incompreensível). Ou seja, a imprevisibilidade do instante, local e natureza das ameaças necessita que o nível político disponha de capacidades militares que a tropa paraquedista possui de maneira singular.

## **6. CONCLUSÃO**

Com base no conteúdo exposto, a tropa paraquedista, de fato, foi uma das protagonistas do maior conflito bélico da história, a 2ª Guerra Mundial. Através dela, o “envolvimento vertical” ajudou a criar a mobilidade necessária para o rompimento das linhas estáticas características da guerra de 2ª geração para originar a guerra de 3ª geração, valendo-se de fundamentos e aspectos doutrinários táticos que permanecem válidos até os dias atuais.

Todavia, com a mudança conceitual que a guerra sofreu através da diminuição da intensidade dos conflitos e a prevalência de atores não estatais – conhecida como a guerra de 4ª geração –, a tropa paraquedista perdeu, pelo menos na prática, a relevância e o protagonismo que teve entre 1940 e 1945. Entretanto, apesar da baixa taxa de emprego, ela foi capaz de se reinventar na sua atividade precípua, o assalto aeroterrestre, demonstrando que tem capacidade de, por si só, ser decisiva no nível tático diante da diversidade de desafios que o amplo espectro dos conflitos pode oferecer.

É fato que o desenvolvimento tecnológico dos sistemas de defesa antiaérea limitaram extremamente a viabilidade do assalto aeroterrestre, mas também é fato que não extinguiram o seu emprego. Percebe-se que a sua execução é sensível e complexa, exigindo um planejamento minucioso que deve levar em conta um gerenciamento de risco eficiente e, principalmente, a compreensão mais completa possível das capacidades do inimigo como um todo. Esses preceitos excluem, obviamente, o seu emprego de maneira indiscriminada.

Ante a imprevisibilidade dos conflitos atuais, a tropa paraquedista é a principal “carta na manga” que os chefes políticos possuem para lhes possibilitar opções. Mesmo tendo as já citadas limitações de emprego, a amplitude de sua capacidade de atuação, aliada à sua motivação, flexibilidade, modularidade e prontidão lhe conferem



um caráter dissuasório inigualável capaz de fazer um oponente repensar suas atitudes.

Por fim, conclui-se que, apesar das limitações de emprego, além das críticas e dúvidas que pairam sobre o assalto aeroterrestre, ele é capaz de ser efetivo no combate moderno, afinal, diante de todo o portfólio bélico que pode ser empregado nos conflitos, a tropa paraquedista é mais uma ferramenta capaz de agir decisivamente no nível tático e, conseqüentemente, nos demais níveis.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSE, Stephen E. **O Dia D, 6 de junho de 1944** – A batalha culminante da Segunda Guerra Mundial. 9. Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2009.
- BBC. Ucrânia pede cessar-fogo em negociação com a Rússia; acompanhe os últimos acontecimentos da guerra. **BBC News/Brasil**. São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60506882>> Acesso em: 4 abr. 2022.
- BEEVOR, Antony. **O Dia D** – A batalha que salvou a Europa. 1. Ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- CORTINHAS, Guilherme Luchetti. O emprego da Brigada de Infantaria Pára-quedista na guerra de 4ª geração. **Doutrina Militar Terrestre em revista**. Brasília, julho, 2020.
- CRAVEIRO, Rodrigo. Crise na Ucrânia: Rússia move tropas, e EUA enviam armas. **Correio Braziliense**. Brasília, 26 jan. 2022. Disponível em <<https://www.correio braziliense.com.br/mundo/2022/01/4980130-cri-se-na-ucrania-russia-move-tropas-e-eua-enviam-armas.html>> Acesso em: 30 mar. 2022.
- EUA. **As grandes decisões estratégicas** – II Guerra Mundial. 1. Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977.
- FARRAR-HOCKLEY, Antony H. **Pára-quedistas alemães** – A supertropa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1975.
- JAHNER, Kyle. *Does the Army need airborne?* **ArmyTimes**, Virginia, 29 fev. 2016. Disponível em <<https://mwi.usma.edu/yes-mass-airborne-operations-thing-past/>> Acesso em: 28 mar. 2022.
- KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. 1. Ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2006.
- KING, James. *Yes, mass airborne operations are a thing of the past*. **Modern War Institute** – *At West Point*. New York, 12 out. 2016. Disponível em <<https://www.armytimes.com/news/your-army/2016/02/29/does-the-army-need-airborne/>> Acesso em: 28 mar. 2022.
- KIRRANE, Simon. **Grandes Batalhas da Segunda Guerra Mundial: Market Garden**. 1. Ed. São Paulo: OnLine, 2014.
- THEOTOKIS, Nikolaos. **Airborne landing to air assault** – *A history of military parachuting*. 1. Ed. Yorkshire: Pen & Sword Ltd, 2020.
- UK ARMY. **Joint doctrine note 1/20** – Air Manoeuvre. 1. Ed. Bristol, 2020.
- URBAN, Mark. Guerra na Ucrânia: as enormes perdas de regimento de elite da Rússia enviado para invadir Kiev. **BBC News/Brasil**. São Paulo, 4 abr. 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60984683>> Acesso em: 4 abr. 2022.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular** – Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. 1. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.